Resenha bibliográfica

Penna, A. G. *História e psicologia,* São Paulo, Vértice, 1987, 141 p.

Este pequeno volume é uma coletânea de ensaios, vários deles publicados nesta revista. A oportunidade de nossos leitores apreciá-los de modo mais compacto e sistemático permite realçar várias características marcantes da obra do autor.

Em primeiro lugar, o estilo. Claro, preciso, didático, não se verga ao peso da erudição; pelo contrário, consegue criar quase que um constante diálogo entre os inúmeros autores citados. Historiadores das mentalidades, pensadores da escola de Frankfurt, representantes das diversas vertentes do cognitivismo e, sobretudo, as grandes figuras de Marx, Nietzsche, Husserl, Freud e Piaget ora se opõem, ora se completam, nesse *tour d'horizon* que põe em evidência filigranas até então implícitas nas obras referidas.

Assim é que detecta, em autores situados fora do estrito domínio da psicologia, tendências que podem vir a ampliar-lhes as perspectivas. Não se trata de anexar outros campos, mas sim de fertilizá-los, como na brilhante discussão da proposta epistemológica de Habermas (capítulo 12), avaliada criticamente em seus diversos aspectos.

Inversamente, é possível também enriquecer outros ramos das ciências sociais pela incorporação das contribuições de psicólogos. Assim é que Penna analisa o pensamento político de Freud, denunciando a falácia, tão ao gosto da moda, que vem constantemente aproximando seu nome do de Marx. É que Freud, como se vê nas cinco obras consideradas antropológicas e que o autor prefere situar na área de psicologia social, assume postura claramente antiutópica e, na verdade, faz o elogio da repressão. Freud não parece incorporar a perspectiva histórica, da qual só retém o evolucionismo. Mesmo assim, é um evolucionista que, no fundo, não acredita em progresso. A análise desenvolvida por Penna evidencia claramente que Freud se situa entre os seguidores do *princípio de permanência,* ou seja, os pensadores que, imbuídos dos pressupostos positivistas, postulam a perenidade dos processos psicológicos, sua imutabilidade e sua universalidade.

É precisamente essa dimensão "transistórica" da tradição psicológica que o autor discute, sob vários prismas. Parece que somente a psicologia histórica, desenvolvida modernamente por Vernant na esteira de Meyerson, resgata o relativismo histórico. Assim, o autor recorre sistematicamente à descrição do contexto histórico das diversas linhas do pensamento psicológico, e não há

como negar a fecundidade desse procedimento. Talvez o autor incorra em pequena injustiça ao afirmar que os psicólogos sociais trabalham "com um real fechado, definido e delimitado, descartam o conceito de totalidade e se desfalcam, como conseqüência, da dimensão do possível" (p. 89). De que psicologia social está falando? Será que muitos teóricos já não incorporam as propostas de Morin, ao substituir a noção de "ordem" pela de organização? Paralelamente, se Freud é inegavelmente um autor aferrado ao princípio de permanência, Jung, por exemplo, situa-se claramente numa visão prospectiva e trabalha com a categoria do possível. Do mesmo modo, todas as escolas contemporâneas que se situam na linha "sistêmica" e, particularmente, os teóricos da pragmática da comunicação, assumem inequivocamente essa dimensão. A fenomenologia também pertence a essa vertente e, nesse ponto, é preciso concordar com Penna que o método fenomenológico ainda não recebeu a devida atenção por parte de muitos psicólogos (ver a esse respeito o capítulo 6, *Fenomenologia e psicologia*).

Grande parte dos escritos dedica-se ao estudo do cognitivismo, já que, como bem assinala Evaristo de Moraes Filho no prefácio (p. 14), o autor é "o grande mestre nacional na compreensão e na exposição do cognitivismo na literatura filosófica e psicológica brasileira". Nesse campo também a perspectiva estrita do cognitivismo tradicional é ampliada, defendendo o autor o estudo de uma "dinâmica de cognição", inspirada na "dinâmica de percepção" gestáltica.

É impossível, dentro dos limites necessariamente restritos de uma resenha, descrever toda a riqueza e a multiplicidade dos enfoques e contrastes apontados pelo autor. Como se vê, sua leitura constitui imprescindível ponto de partida para qualquer reflexão crítica relacionada à dimensão histórica da psicologia.

MONIQUE AUGRAS